

# A importância e a fecundidade de *Bergson: Intuição e discurso filosófico* e de “Reflexão e Existência” para minha compreensão da obra bergsoniana

Tarcísio Jorge Santos Pinto

UFJF

## RESUMO

O presente artigo se sustenta fundamentalmente em dois textos seminais de Franklin Leopoldo e Silva que representam uma contribuição essencial em meu caminho filosófico e especialmente na compreensão que desenvolvi e continuo desenvolvendo da filosofia bergsoniana. No meu modo de ver, tais textos iluminam, como poucos grandes textos, a originalidade, a importância e a potência de Bergson para o pensamento contemporâneo. Em diálogo com esses dois textos, associo, preponderantemente, textos do próprio Bergson e outros textos de Leopoldo e Silva, procurando assinalar, a partir daí, o valor de suas filosofias em nossa formação ao integrarem pensamento, vida e história.

## PALAVRAS-CHAVE

Franklin Leopoldo e Silva; Henri Bergson; filosofia; vida; educação.

## ABSTRACT

This article is fundamentally based on two seminal texts by Franklin Leopoldo e Silva that represent an essential contribution in my philosophical path and especially in the understanding that I have developed and continue to develop of Bergsonian philosophy. In my view, such texts illuminate, like few great texts, Bergson's originality, importance and potency for contemporary thought. In dialogue with these two texts, I associate, predominantly, texts by Bergson himself and other texts by Leopoldo e Silva, trying to point out, from there, the value of their philosophies in our formation by integrating thought, life and history.

## KEY WORDS

Franklin Leopoldo e Silva; Bergson; expression; interiority; generosity.

Sabemos que a relação entre tempo – tal como podemos vivenciar e compreender filosoficamente em sua profundidade – e intuição – tal como passível de ser igualmente vivenciada e pensada profundamente enquanto um conceito filosófico preciso e potente – é algo estruturante na filosofia de Bergson. Ao longo dos meus estudos e pesquisas, tendo também os textos do professor Franklin Leopoldo e Silva como referências fundamentais, pude concluir que, no desenvolvimento da filosofia bergsoniana, a intuição se torna um método de conhecimento filosófico ao mesmo tempo rigoroso e inovador, adquirindo uma acepção de tal modo específica que, quando falamos de intuição em Bergson, estamos invocando uma forma particular de a conceber e também de a empregar. A própria filosofia de Bergson inicia-se por essa intuição fundamental que sempre estará na base de seu pensamento e à qual ele sempre retornará: a intuição do tempo vivo, denominado por Bergson como duração. É o que ele escreve numa carta a Höffding, a qual é citada por Leopoldo e Silva em *Bergson. Intuição e discurso filosófico*: “no meu entender, qualquer resumo dos meus pontos de vista os deformará no seu conjunto e os exporá, por isto mesmo, a muitas objeções, se não se coloca primeiramente e não se volta sempre àquilo que considero como o centro de minha doutrina: a intuição da duração” (Leopoldo e Silva, 1994, p. 35).

A intuição da duração apresenta-se, assim, como primordial para a constituição da filosofia bergsoniana, caracterizando-se como aquilo a que, de fato, tudo em sua doutrina deve remeter-se para fazer sentido e respaldar-se tanto pela experiência, quanto pela “realidade”<sup>1</sup>. Por isso, foi perseguindo a compreensão do significado cada vez mais amplo e profundo dessa intuição da duração que iniciei o estudo da primeira obra de Bergson, o *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. A partir daí procurei compreender também o que representava a “revolução”<sup>2</sup> empreendida pela filosofia bergsoniana, caracterizada por uma reorientação do pensamento filosófico em função da realidade apreendida como tempo, movimento, mudança e criação. Ao mesmo tempo, pude gradativamente entender que, no decorrer do desenvolvimento da obra de Bergson, a intuição não apareceria apenas como um meio de conhecimento, mas acabaria se estruturando como um método filosófico rigoroso, ao qual estariam vinculados elementos constitutivos que lhe dariam sentido

---

<sup>1</sup> No primeiro dia do Colóquio “A obra de Franklin Leopoldo e Silva”, Valter José Maria defendeu, em sua conferência “Professor Franklin e a Reflexão sobre a Universidade”, que “realidade” é uma noção igualmente fundamental ao pensamento do professor Franklin.

<sup>2</sup> Segundo o que destaca Suleymane Bachir Diagne, em *Bergson pós-colonial* (Diagne, 2018), Léopold Sédar Senghor assinala que a publicação do *Essai* representou a “revolução de 1889”, uma vez que possibilitou realmente uma reorientação do pensamento filosófico contemporâneo em função de uma concepção renovada do tempo, a “duração” bergsoniana, a partir da qual todas as múltiplas manifestações do real ganham também um novo sentido.

como método tal como tão bem assinalou Deleuze no primeiro capítulo de *Bergsonismo* (Deleuze, 1999, pp. 7 e ss.). Paralelamente, e como consequência dos estudos e pesquisas empreendidas, procurei investigar a possibilidade de pensarmos desdobramentos da intuição da duração em termos éticos e educacionais.

Começando, então, por buscar identificar as bases da concepção bergsoniana da intuição da duração, vimos, também com Franklin Leopoldo e Silva, que tal empreendimento realmente conduz Bergson, desde o início, a um grande questionamento da tradição filosófica e científica. Em razão disso, sua obra vai refletir uma tomada de posição diante dessa tradição e buscará promover um redimensionamento do papel da filosofia e da ciência em relação ao conhecimento da realidade. Já no *Ensaio*, Bergson reflete sobre a própria base em que se estrutura o conhecimento filosófico, uma vez que a construção de seu pensamento sobre o “novo” fundamento da duração exige isso. Como escreve o professor Franklin, Bergson percebe “que a ‘descoberta’ da duração se constitui como motor da reflexão que se ordenará em reflexão sobre o método de conhecimento filosófico” (Leopoldo e Silva, *op. cit.*, p. 37). E, ao empreender sua pesquisa, descobre que tanto a filosofia quanto a ciência desenvolvem seus métodos de análise sem levar em conta o verdadeiro movimento temporal da realidade, promovendo, por isso, representações equivocadas de seus objetos. Isso as leva a criar uma série de falsos problemas que justamente só têm sentido dentro de campos de reflexão que desconsideram a realidade movente e temporal, a duração mesma, e Bergson se esforça por, primeiramente, deixar claros os erros desses vícios de reflexão da ciência e da filosofia, para, em seguida, reorientá-los em função de estudos profundos e reflexões renovadoras que procuram acompanhar, “simpaticamente”, os próprios movimentos do real, dados na própria intuição de suas temporalidades vivas. Com efeito, desde o *Ensaio*, Bergson nos dá o exemplo desse seu procedimento. Elaborou, nessa obra, um estudo do tempo imanente à consciência humana, ou seja, da duração experienciada em termos psicológicos, e também promove uma crítica às concepções filosóficas e científicas que partem de uma noção errônea da interioridade humana, representando-a em função do espaço e não do tempo que dura, por não intuírem e não compreenderem a diferença que existe entre essas duas realidades. Bergson nos mostra que, em relação à ciência, tal concepção *espacializante* da consciência humana fundamenta determinadas teorias psicológicas que não têm de seu objeto uma compreensão verdadeira – a Psicofísica, em particular, termina por explicar as sensações e demais estados psicológicos do homem a partir do arranjo de partículas físicas elementares no cérebro, e isso leva, em última instância, a um questionamento da liberdade humana (Bergson, 1991, p. 42 e ss.). Tal questionamento transforma-se, no campo da filosofia, em um sério problema filosófico que, conforme assinala Bergson, só tem sentido “por teimarmos

em justapor no espaço fenômenos que não ocupam espaço” (*Ibid.*, p. 4). Ou seja, a liberdade só se apresenta realmente como problema quando não se considera a duração real. Tal “problema” é, na verdade, um exemplo dos “falsos problemas” que, segundo Bergson, são criados pela tradição filosófica, e, mais especificamente no caso da questão da liberdade, é um exemplo de um problema “mal colocado”<sup>3</sup>, que só existe em razão de uma interpretação equivocada da realidade por essa tradição.

A questão da liberdade, “comum à metafísica e à psicologia”, é então escolhida por Bergson para ser objeto de análise do *Essai*, e tal escolha, é importante notarmos, não é fortuita. Justamente por se apresentar vinculada ao estudo da duração psicológica, a liberdade mostra-se a ele como o objeto de reflexão a partir do qual pode posicionar seu pensamento fundamentado na duração diante de toda uma corrente de pensamento filosófico e científico que desconsidera a realidade do tempo vivo. Em particular, Bergson está interessado em posicionar de forma crítica seu pensamento diante do de Kant, começando a estruturá-lo de modo que possa ultrapassar os limites colocados por esse filósofo e, mais ainda, possa defender a incongruência de tais limites. Franklin Leopoldo e Silva assinala que o *Essai* pode “causar uma certa estranheza”, entre outras razões, pelo fato de:

[...] ser um livro que pretende realizar, de certa forma, o projeto kantiano inscrito no título dos Prolegômenos a toda metafísica futura que se queira constituir como ciência. Ou seja, por pretender resolver um problema metafísico através dos dados de uma psicologia mais verdadeira – mais atenta ao seu objeto imediato – do que aquela que se pretende efetivamente como ciência. E até mesmo ao ‘resolver’ o problema pela demonstração de que, no limite, ele não existe, a atitude bergsoniana espelha o kantismo. Espelhar deve aqui ser entendido no sentido próprio, na medida em que, como veremos, o trabalho bergsoniano reflete ao contrário a atitude kantiana diante da filosofia (Leopoldo e Silva, *op. cit.*, p. 117).

Com efeito, somente por intermédio de uma filosofia que se apoia na intuição da duração, Bergson consegue superar a tese da relatividade do conhecimento proposta pelo kantismo e, conseqüentemente, “resolver” uma série de “problemas” engendrados pela tradição filosófica. Portanto, ao escrever sobre a consciência do homem como duração e ao mostrar a ilegitimidade do problema da liberdade, Bergson já mostra, em sua primeira grande obra, a necessidade de a filosofia recolocar a ques-

---

<sup>3</sup> Gilles Deleuze observa que Bergson distingue duas espécies de falsos problemas que poderiam ser explicitados por meio da intuição: os problemas inexistentes – como o do não-ser, o da desordem e o do possível – e os problemas mal colocados, cujos exemplos seriam o da liberdade e o da intensidade (Cf. Deleuze, *op. cit.*, p. 10-13).

tão do método para que ela mesma possa engendrar um método capaz de desenvolver a leitura precisa e pertinente da realidade, que é justamente movimento e duração. Franklin Leopoldo e Silva nos remete a isso, ressaltando que:

[...] o fato de que o ensaio metódico tenha sido primeiramente efetuado sobre a interioridade *porque* o problema a ser examinado era a questão da liberdade revela entre outras coisas que a descoberta da duração psicológica condiciona a reposição da questão do método na filosofia, uma vez que é esta descoberta que mostrará o caráter artificial do ‘problema da liberdade’. Tal problema é exemplo típico da solidariedade que existe entre os hábitos mentais e os pré-juízos históricos e o método filosófico tradicional. O problema só existe porque determinados pressupostos estabelecem, de maneira prévia à consideração dos fatos, a forma como o objeto psicológico se apresentará no contexto metodológico de abordagem (*Ibid.*, p. 41).

• • •

No sentido de continuarmos a refletir sobre outros significados da relação entre intuição e duração em Bergson, incluindo a discussão da questão do método, a partir da referência fundamental de Franklin Leopoldo e Silva, deixaremos o contexto do *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* e passaremos, em seguida, a explorar algumas passagens de *A evolução criadora* e de alguns outros textos bergsonianos. Em relação à terceira grande obra de Bergson, sabemos que particularmente ao longo do seu capítulo quatro (Bergson, *op. cit.*, pp. 725 e ss.), o filósofo francês realiza uma avaliação criteriosa da história da filosofia a partir do viés de sua “filosofia da duração”, refletindo criticamente sobre os aspectos fundamentais dos principais sistemas e sobre o método filosófico tradicional. Bergson aí escreve que os sistemas filosóficos se equivocam por promover um conhecimento fundamentado em um método que acaba reproduzindo a tendência natural à faculdade da inteligência de não representar a realidade da vida em sua essência movente<sup>4</sup> e, a partir de sua análise crítica, contrapõe sua própria concepção de filosofia e de método.

Para Bergson, desde Platão, desenvolve-se uma linha de pensamento que perdura ao longo da história da filosofia – passando por filósofos como Aristóteles, Galileu,

---

<sup>4</sup> Como destacou Alex de Campos Moura em sua conferência “Passagens entre Filosofia e Literatura na reflexão de Franklin Leopoldo e Silva: tempo, realidade e enigma”, também no primeiro dia do Colóquio “A obra de Franklin Leopoldo e Silva”, o professor Franklin nos deixa claro que uma das contribuições fundamentais da filosofia bergsoniana é aprofundar e potencializar nossa compreensão de que a realidade da vida se constitui essencialmente por movimento, mudança, tempo. Para tanto, Alex Moura se remete em especial ao artigo “Bergson, Proust. Tensões do tempo” (Leopoldo e Silva, 1992a) para nos mostrar também como *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, concretiza em termos poético-literários aquilo que Henri Bergson havia consolidado em termos filosóficos, deixando clara a influência bergsoniana na obra do romancista francês e o casamento essencial entre filosofia e literatura, filosofia e arte em Bergson.

Descartes, Espinosa, Leibniz, Newton, Kant, entre outros, chegando até Spencer – e que valoriza apenas o conhecimento do “estável”, do “imutável”, do “imóvel”. Tais filósofos fazem isso porque, por princípio, consideram *menor* tudo o que tenha a ver com o movimento real, uma vez que é esse movimento que não permite à razão apreender totalmente e de forma eterna os objetos<sup>5</sup>. Com base nesse posicionamento crítico de Bergson, Franklin Leopoldo e Silva ressalta:

o “erro” de Spencer não é acidental, é constitutivo do movimento de especulação que se guia pelo paradigma da verdade matemática, ou seja, constitutivo da metafísica que consubstancia na Ideia o devir real. O erro de Spencer ilustra apenas um movimento que tem sua origem na instauração platônica da metafísica (Leopoldo e Silva, *op. cit.*, p. 36).

A renovação da metafísica, para Bergson, pede, assim, a renovação do método filosófico. Torna-se necessária a constituição de um método que possibilite a compreensão da realidade concreta do tempo vivo, da experiência do ser que dura, do devir e do espírito. É nesse sentido que Franklin Leopoldo e Silva escreve que “a reinstauração bergsoniana da questão do método inclui o questionamento dos próprios atributos tradicionais do ser e do sentido fundamental a que nos referimos quando dizemos que uma coisa ‘é’”. E é por esse motivo que há, em Bergson, uma “prerrogativa ontológica inclusa na reinstauração do método filosófico” (*Ibid.*, p. 38).

De fato, a “reinstauração do método filosófico” se fará necessariamente *na* intuição da duração, tal qual Bergson experimenta, compreende e teoriza. Com efeito, é intuição que *ultrapassa* a inteligência para ter uma “visão direta do real”, mesmo que precise do auxílio desta para se fazer comunicar: “A intuição, aliás, somente será comunicada por meio da inteligência. Ela é mais que a ideia, ela deverá todavia, para lograr transmitir-se, cavalgar algumas ideias” (Bergson, 1984<sup>6</sup>, p. 122; referido por Leopoldo e Silva, *op. cit.*, p. 95). Daí que um outro problema extremamente relevante vinculado à filosofia bergsoniana seja o problema da linguagem, o qual Bergson enfoca para refletir acerca de como podemos expressar, pelo pensamento e pelo discurso, a “realidade” movente (para associar ao título de sua última obra publicada, *O Pensamento e o movente*). Em outras palavras, Bergson problematiza de modo radical como podemos pensar, falar e escrever sobre a vida que, por ser devir,

---

<sup>5</sup> Acerca da crítica bergsoniana à tendência da tradição filosófica de menosprezar o movimento e a duração reais, ver também *As duas fontes da moral e da religião* (Bergson, 1991, pp. 1180 e ss. – particularmente p. 1182-1183).

<sup>6</sup> Optamos neste artigo, como havíamos já optado em nossa tese de doutorado, por nos remeter também às excelentes traduções que Franklin Leopoldo e Silva realizou de alguns textos fundamentais de Bergson, selecionados pelo próprio professor Franklin para integrar o volume *Bergson* da Coleção *Os pensadores*, coleção esta tão importante para o estudo e a formação de todos os estudantes de Filosofia do Brasil.

tempo, movimento, criação contínua, é “insuspeita e inesperada”, “imprevisível e indeterminada”<sup>7</sup>.

Aqui, novamente, a contribuição de Franklin Leopoldo e Silva revela-se primordial para buscarmos compreender o problema da linguagem vinculado à filosofia da duração e ao método da intuição em Bergson. Na verdade, podemos dizer, inclusive, que este é um dos grandes temas da tese de livre docência do professor Franklin, *Bergson. Intuição e discurso filosófico*. Não me deterei, no contexto deste artigo, em abordar as diferentes questões vinculadas a esse problema da expressão na filosofia bergsoniana<sup>8</sup>, tal como procurei refletir, entre outros temas, no capítulo três de minha tese doutorado. Gostaria apenas de compartilhar aqui duas perguntas que me fiz naquele momento e uma resposta sintética a elas que elaborei a partir da remissão sempre fundamental ao pensamento de Leopoldo e Silva. Vejamos a primeira pergunta: se de fato os conceitos tradicionais não podem representar o que é intuído junto à duração concreta, isto é, as “tendências” singulares do ser que não são redutíveis ao universal, como poderemos representar adequadamente tal experiência intuitiva? A partir daí, uma segunda pergunta, diretamente relacionada à anterior, apresentou-se importante: como criar uma linguagem apropriada à Filosofia concebida como filosofia do tempo ou da vida?

Para responder, então, sinteticamente, a tais indagações, de fato as análises de Franklin Leopoldo e Silva se mostraram também aqui preciosas, e mesmo essenciais. Como ele nos mostra, essas são questões que não têm uma “resposta efetiva”, já que, para Bergson, a linguagem é “um produto da inteligência concebida como faculdade instrumental” (Leopoldo e Silva, *op. cit.*, p. 9) e, ao fim e ao cabo, é esta destinação “instrumental” da inteligência de representar o movente a partir do imóvel que se configura como base tanto para o discurso científico quanto para o discurso filosófico tradicionais<sup>9</sup>. No entanto, conforme também assinala Leopoldo e Silva, num segundo momento da reflexão desse problema fundamental da linguagem, uma res-

---

<sup>7</sup> Também na conferência já citada acima, Alex de Campos Moura associa de forma bonita e potente tanto o modo como Franklin Leopoldo e Silva qualifica a vida (“insuspeita e inesperada”) em “Bergson, Proust. Tensões do tempo”, quanto o modo como Hannah Arendt a descreve (“imprevisível e indeterminada”) em *A condição humana*.

<sup>8</sup> Tal opção se fez particularmente pertinente na ocasião do Colóquio “A obra de Franklin Leopoldo e Silva” porque o problema seria depois enfocado de modo detido e primoroso por Dani Minkoviccius na conferência “Sugestão significativa, atitude filosófica e generosidade: o problema da expressão em Bergson a partir da obra *Bergson: Intuição e discurso filosófico* de Franklin Leopoldo e Silva”, que se seguiu à minha no mesmo evento.

<sup>9</sup> Tal tese bergsoniana, conforme também vai assinalando o professor Franklin ao longo do seu trabalho de livre docência, é magistralmente construída sobretudo ao longo de *A evolução criadora* – especialmente no capítulo 2 (Bergson, 1991, pp. 578 e ss) – e, em particular, na segunda parte da introdução de *O pensamento e o movente* (*Id.*, 1984, pp. 113 e ss.).

posta complementar às perguntas acima enunciadas se apresenta a Bergson, permitindo-lhe buscar efetivar um outro caminho possível à expressão filosófica. Em outras palavras, contra essa tendência de representação do discurso filosófico tradicional, a filosofia bergsoniana se insurge, então, visando criar um outro discurso capaz de representar de fato o ser real, que dura, cria e se transforma continuamente no movimento da vida. A partir daí a questão de como criar uma linguagem apropriada para a Filosofia, concebida como filosofia da duração, perpassará a questão de como encontrar o meio de expressão mais adequado para representar a experiência dinâmica da intuição. Esse meio de expressão deve se aproximar, para Bergson, da representação da prosa e da poesia, uma vez que elas se realizam efetivando o caráter fluido das palavras antes de elas serem convertidas em conceitos estáticos pela linguagem instrumental. Desse modo, o discurso mais apropriado para a filosofia é aquele que se desenvolve por meio das representações metafóricas, que se afastam do pragmatismo da linguagem comum e, aproximando-se da linguagem artística, caracterizam-se pela “intenção criadora” de fazer com que o sujeito possa como que reviver a intuição da realidade viva. Nas palavras de Leopoldo e Silva:

[...] a possibilidade da linguagem filosófica enquanto expressão da intuição aparece quando a mobilidade dos significados no nível dos atos de designação tomados em si mesmos pode ser vista a partir do aspecto criador, isto é, a partir da possibilidade de atos metafóricos totalmente independentes do critério instrumental da linguagem (Ibid., p. 24).

• • •

Após desenvolvermos essas reflexões em torno do papel essencial que *Bergson. Intuição e discurso filosófico* exerce na compreensão de questões fundamentais da filosofia bergsoniana, terminaremos este artigo procurando mostrar como um outro texto de Franklin Leopoldo e Silva apresenta-se também especialmente precioso para buscarmos explorar as contribuições possíveis do pensamento de Bergson também para o campo da Educação.

Antes de mais nada, é preciso destacar que, no principal texto em que Bergson trabalha mais diretamente a questão da educação, é o conceito do “bom-senso” que se configura como referência fundamental<sup>10</sup>. Em segundo lugar, devemos atentar que

---

<sup>10</sup> Trata-se do texto do discurso “O bom senso e os estudos clássicos” (Bergson, 1972, p. 360-372), pronunciado por Bergson aos 36 anos, no Grande Anfiteatro da Sorbonne, durante a solenidade de distribuição dos prêmios do “Concours Général” ainda em 13 de julho de 1895, um ano antes da publicação de *Matéria e memória*. Recentemente, eu e um colega, também professor da UFJF, traduzimos e publicamos, pela primeira vez em língua portuguesa, na Revista Pro-posições da Unicamp, esse discurso tão importante de Bergson (cf. Santos Pinto e Quintiliano, 2022, p. 1-15).

tal conceito de “bom-senso” é, na verdade, um conceito recorrente na obra bergsoniana como um todo. Antes de trabalhá-lo em seu horizonte mais elevado em *As duas fontes da moral e da religião* (Bergson, 1991, p. 1064 e 1065), Bergson se refere a ele no texto de ocasião que citamos (o do discurso de 1895), mas também em passagens de *Matéria e memória* (*Ibid.*, p. 294), de *O riso* (*Ibid.*, p. 475) e de *A evolução criadora* (*Ibid.*, p. 632 e 675). Em todas essas obras mais fundamentais de Bergson, o conceito de “bom-senso”, apesar de se relacionar a temas específicos, reflete a mesma significação básica delineada desde o discurso do “Concurso Geral” e que, de certo modo, traz enlaçada consigo a valorização do conhecimento intuitivo, inclusive do ponto de vista pedagógico. E qual seria então essa significação fundamental que a noção de “bom-senso” apresenta desde quando Bergson o reflete pela primeira vez?

Conforme procurei defender em minha tese de doutorado, ele traz como referência principal, desde o início, a ideia da busca de um *certo equilíbrio necessário à atividade intelectual*. Tal ideia foi sendo construída a partir do estudo do discurso bergsoniano de 1885, do desdobramento de tal conceito de bom senso no decorrer da obra de Bergson e também de um excelente artigo escrito por Franklin Leopoldo e Silva<sup>11</sup>. Segundo o que professor Franklin nos mostra, nesse discurso Bergson discorre sobre determinadas noções trabalhadas no plano teórico na medida em que estão em relação direta com a “realidade imediata”. Dessa forma, Bergson ilumina a vida prática com a amplitude da reflexão teórica e anula, assim, “o divórcio entre a reflexão e a realidade vivida, sem que o filósofo deixe de ser filósofo e sem que a realidade imediatamente vivida se imobilize no plano da análise conceitual” (Leopoldo e Silva, 1973, p. 134).

De acordo o que Franklin Leopoldo e Silva assinala, Bergson defende no texto-discurso a importância dos estudos clássicos como “contrapartida” à atividade objetivante da inteligência, a fim de podermos desenvolver uma compreensão mais profunda da realidade, capaz de nos permitir, inclusive, melhor conduzir nosso viver. Desse ponto de vista, o cultivo do bom-senso, por meio de uma educação – e eu diria também de uma *autoeducação* – consciente de sua maior missão, torna o ser humano em geral não só mais apto a desenvolver a função vital de manipular da melhor forma possível o mundo material, mas também lhe permite aprimorar seu potencial de invenção e de criação (*Ibid.*, pp. 135 e ss.). Consoante o que ressalta o

---

<sup>11</sup> Parece-me que o título desse artigo, “Reflexão e existência” (Leopoldo e Silva, 1973), representa muito o que Bergson buscou defender, aliar e efetivar em sua vida e em sua obra, assim como o próprio professor Franklin, sobretudo a partir dos testemunhos que pudemos ter, ao longo do Colóquio “A obra de Franklin Leopoldo e Silva”, tanto dos conteúdos das diferentes conferências proferidas em sua homenagem, quanto dos relatos de diferentes pessoas acerca de sua atuação como professor, pesquisador, escritor, orientador, colega de trabalho e de atuação política.

filósofo uspiiano, é precisamente pelo bom-senso que se dá “o acordo” possível das atividades da inteligência e da intuição no plano da existência, um certo *equilibrio* movente, dinâmico, que podemos buscar cultivar mesmo diante do “imprevisível e indeterminável” (Arendt), do “insuspeito e inesperado” (Bergson) da vida. O bom-senso pode se caracterizar, assim, como escreve Bergson, pela “faculdade de se orientar na vida prática, [...] um certo hábito de permanecer em contato com a vida prática, mesmo sabendo olhar para mais longe” (Bergson, 1971, p. 359; citado por Leopoldo e Silva, *op. cit.*, p. 135).

Bergson nos diz ainda que o bom-senso corresponde, em nossa vida cotidiana, ao que o gênio, enquanto uma intuição “rara” e “de ordem superior”, representa nas ciências e nas artes. Segundo ele, o gênio manifesta uma “estreita camaradagem com a vida”, o que nada mais é, na verdade, poderíamos dizer, do que a efetivação do conhecimento intuitivo, por “simpatia”, de sua duração real. Analogamente, o bom-senso, para os homens em geral, quando bem cultivado, também representaria a concretização dessa comunhão simpática com a duração da vida, que permite seu conhecimento mais direto, capaz de gerar um melhor viver. Por esse motivo, como no gênio, “o bom-senso, ele também, exige uma atividade incessantemente alerta, um ajustamento sempre renovado a situações sempre novas” (Bergson, 1972, p. 362). Ao mesmo tempo, em razão de tal disposição, o bom-senso igualmente abomina as ideias prontas e definitivas defendidas por uma inteligência que se isola do próprio movimento do real. Tais ideias congelam o espírito e não são, “em sua rigidez, senão o resíduo inerte do trabalho intelectual” (*Ibid.*). Contrapondo-se a isso, o bom-senso seria esse próprio trabalho, em realização dinâmica, acontecendo por meio do “conhecimento imediato” da duração concreta das coisas:

Ele quer que nós tomemos todo problema por novo e lhe concedamos a honra de um novo esforço. Exige de nós o sacrifício, por vezes penoso, das opiniões que nós nos damos como feitas e das soluções que tomamos como prontas. E, para dizer tudo, ele parece ter menos relação com uma ciência superficialmente enciclopédica que com uma ignorância consciente dela mesma, acompanhada da coragem de aprender (*Ibid.*).

Isso assim pode se efetivar porque o bom-senso “não visa, como ela (a ciência superficialmente enciclopédica), à verdade universal, mas àquela da hora presente, e não se preocupa tanto em ter razão de uma vez por todas, mas sempre em recomençar a ter razão” (*Ibid.*).

Com base nessas reflexões, desde aquele momento, ficava-nos mais clara a vinculação, no horizonte da filosofia bergsoniana, entre “bom senso” e “intuição”. Afinal, não é a intuição justamente a “energia interior”, a “franja” da inteligência que, relaci-

onando-se de modo “imediatamente” à duração do real e acompanhando de perto suas articulações, volta-se contra a própria inteligência para apresentar-lhe as limitações e fazer o conhecimento avançar em “simpatia” com o movimento da vida? A intuição não representa precisamente o “esforço” de contrariar a tendência natural de nossa inteligência em “congelar” a duração real por meio da linguagem que engendra? Tudo isto era também o que ressaltava, de modo magistral, Franklin Leopoldo e Silva. Segundo ele, como o esforço do bom-senso, o esforço da intuição

não pode ser efetuado *sem a inteligência*, e não poderia sê-lo *se fôssemos somente inteligência*. Vimos, no texto mais acima, que os conhecimentos que encontramos armazenados na linguagem são um ponto de apoio, adotado provisoriamente, para atingir estágios mais altos de compreensão da realidade. Aqui também o bom-senso antecipa de alguma forma a intuição ao negar-se a confiar apenas nesses conhecimentos; o que significa que, mesmo em nossa vida prática, uma certa dose de conhecimento extra intelectual se faz presente [...]. Na vida cotidiana, este equilíbrio, quando cultivado, resulta em uma certa capacidade de lucidez, que se torna um hábito, com o tempo quase um instinto, e que caracteriza precisamente as pessoas a que chamamos ‘de bom-senso’. *Reencontramos assim, em outro ponto, o paralelismo que existe entre o bom-senso e a intuição, pois o que é a intuição senão a recusa da hegemonia da frieza analítica no conhecimento do real*, que aos poucos nos introduz em segredos que ficariam para sempre vedados ao procedimento analítico? (Leopoldo e Silva, 1973, p. 139; grifo nosso).

Finalizamos aqui este artigo concluindo que na relação necessária entre filosofia, educação e vida, Henri Bergson e Franklin Leopoldo e Silva nos ensinam que a intuição se apresenta como um conhecimento fundamental a ser cultivado e desenvolvido. Em outras palavras, na associação entre “reflexão e existência”, a intuição apresenta-se como algo essencial no contraponto e complemento à inteligência, integrando-a no movimento da consciência em sua “imanência à vida” (Bergson, 1984, pp. 69 e ss.). Nesta integração, filosofia, ciência, estética, ética, política e educação configuram-se não como campos isolados, mas necessariamente irmanados, colaborando para o dinamismo vital do “bom-senso” no sentido bem original e singular em que Bergson o concebe – desde o discurso de 1895 até *As duas fontes da moral e da religião*, publicada em 1932.

Assim, a partir do “paralelismo que existe entre o bom senso e a intuição”, conforme destacado por Leopoldo e Silva, Bergson defende a “educação do bom-senso” como algo que contribui para que possamos nos contrapor a opiniões vagas, bem como a um excesso de intelectualismo capaz de nos alienar. Como delineamos acima, essa educação (também uma autoeducação) deve se fazer através da filosofia, da arte, dos estudos clássicos e dos estudos científicos bem conduzidos na relação

com as vivências singulares de cada um e reconhecendo a importância fundamental de cada um desses conhecimentos para a formação humana<sup>12</sup>. Tudo isto certamente colabora para que nosso pensamento fique melhor situado em relação ao movimento da vida e lúcido em relação aos desafios ético-políticos de nossa necessária ação histórica, inclusive na defesa da democracia também no sentido que Bergson escreveu no último capítulo de *As duas fontes da moral e da religião* (Id., 1991, pp. 1211 e ss.). Tal pensamento e tal ação se integram num viver que, apesar das dificuldades, especialmente em nossa época contemporânea, “talvez”<sup>13</sup> possa nos “engajar” melhor nas vicissitudes da história, a qual traz em si a “imprevisibilidade” da duração e continua a nos convocar, como também Franklin Leopoldo e Silva nos mostra de modo ao mesmo tempo forte e sutil em “A função social do filósofo” (Leopoldo e Silva, 1996).

### Agradecimentos

Manifesto, também aqui, minha gratidão e minha homenagem ao professor Franklin Leopoldo e Silva: pessoa generosa, sábia, querida...

---

<sup>12</sup> Considerações importantes de Bergson sobre a educação em geral e a educação escolar em particular estão presentes não só no discurso “O bom senso e os estudos clássicos” e em algumas poucas passagens de sua obra principal, mas também em outros textos de ocasião, como o elaborado a partir de sua participação em uma discussão na “Sociedade Francesa de Filosofia”, em 18 de dezembro de 1902, sobre “O lugar e o caráter da filosofia no ensino secundário” (Bergson, 1972, p. 568-572), que vale muito a pena ser conferido. Vemos que, apesar de não escrever um livro diretamente sobre a educação, ela também ocupou um lugar de destaque no trabalho intelectual de Bergson. Lembremos que, além de ser um notável e admirado professor, atuou no movimento da reforma educacional da França como membro do “Conseil Supérieur de l’Instruction Publique” e depois presidiu a Comissão de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações, precursora da UNESCO (cf. Trevisan, 1995, p. 127 e ss.). Consideramos válido registrar ainda que, assim como Henri Bergson, Franklin Leopoldo e Silva também foi um professor admirável em vários sentidos (como fortemente testemunhou também todo o Colóquio) e, embora igualmente não tenha escrito nenhum livro especificamente sobre a educação, elaborou do mesmo modo textos isolados sobre esse tema tão essencial, particularmente no que concerne ao ensino de Filosofia – “Por que filosofia no segundo grau” (Leopoldo e Silva, 1992b), à “função social do filósofo” (Leopoldo e Silva, 1996) e ao papel ético e político da universidade em relação aos seus contextos histórico-sociais, refletindo especialmente os desdobramentos na sociedade brasileira (Leopoldo e Silva, 2004; 2006; 2012).

Por fim, gostaríamos de ressaltar que o texto que registra as considerações de Bergson sobre “O lugar e o caráter da filosofia no ensino secundário” também foi traduzido por mim e por Aimberê Quintiliano. Esperamos publicá-lo em breve, assim como outros textos de Bergson que se relacionam mais diretamente às suas reflexões sobre a educação, os quais também estamos traduzindo gradativamente. Todos estes textos, no original francês, foram recolhidos na coletânea *Mélanges* (Bergson, 1972) que já foi aqui citada por nós.

<sup>13</sup> Para lembrar um dos termos utilizados por Franklin Leopoldo e Silva e destacados por Salma Tannus Muchail, no segundo dia do Colóquio “A obra de Franklin Leopoldo e Silva”, por serem representativos da argúcia, sensibilidade e profundidade da reflexão e da escrita deste professor uspiiano, “leitor de filosofias” que depois são magistralmente ensinadas e tomadas como base para sua própria elaboração filosófica.

Agradeço também, mais uma vez, aos colegas que organizaram esse belo e potente Colóquio em torno de sua obra: o evento foi sem dúvida uma grande oportunidade de aprendizado e de diálogos prazerosos compartilhados.

## Bibliografia

- Bergson, H. (1972). *Mélanges*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (1984). “Cartas, conferências e outros escritos”. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Oeuvres*. Édition du Centenaire. 5<sup>e</sup> édition. Paris: PUF.
- Deleuze, G. (1999). *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34. Coleção TRANS.
- Diagne, S. B. (2018). *Bergson pós-colonial*. Florianópolis: Cultura e Barbárie.
- Leopoldo e Silva, F. (1973). “Reflexão e existência”. *Discurso* (Rev. do Dep. de Filosofia da USP), Ano IV, nº 4, São Paulo. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1973.37764>.
- \_\_\_\_\_. (1992a). “Bergson, Proust. Tensões do tempo” in NOVAES, Aduino (org.) *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1992b). “Por que filosofia no segundo grau”. *Revista Estudos Avançados - USP*. nº 6 (14), abr. São Paulo. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141992000100010>.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_. (1996). “A função social do filósofo”. In: ARANTES, Paulo et al (org.). *A filosofia e seu ensino*. 2<sup>a</sup> edição. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: EDUC.
- \_\_\_\_\_. (2004). “A universidade em tempos de conciliação autoritária”. *Revista USP*, nº 60. São Paulo. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.voi60p68-77>.
- \_\_\_\_\_. (2006). “Universidade: a ideia e a história”. *Revista Estudos Avançados - USP*. nº 20 (56). São Paulo. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000100013>.
- \_\_\_\_\_. (2012). “Universidade e Ética”. *Revista Pensata*, nº 1 (3), x. DOI: <https://doi.org/10.34024/pensata.2012.vi.9301>.
- Santos Pinto, T. J.; Quintiliano, A. (2022). “Henri Bergson – O bom senso e os estudos clássicos”. *Revista Pro-posições*, v. 33. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0142>
- Trevisan, R. M. (1995). *Bergson e a educação*. Piracicaba: Editora Unimep.
- Colóquio “A obra de Franklin Leopoldo e Silva” – disponível desde o primeiro dia do evento no youtube. [<https://www.youtube.com/watch?v=pHOM9tqXtIE> (1<sup>o</sup> dia)].